

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

Possibilidade de Intervenção dos Jogos
Cooperativos na Educação Física:
Alternativa do Profissional para uma
Educação Libertária e Ação
Comunicativa.

Orientador: GUSTAVO LUIS GUTIERREZ
Autor: MARCO BETTINE DE ALMEIDA

UNICAMP-2002



Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

Monografia final para a
conclusão do curso de
Licenciatura Plena em
Educação Física.

Possibilidade de Intervenção dos Jogos
Cooperativos na Educação Física:
Alternativa do Profissional para uma
Educação Libertária e Ação
Comunicativa.

Orientador:

GUSTAVO LUIS GUTIERREZ

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão da importância dos jogos cooperativos e inter-relações com a educação física. Utilizando-se de um referencial teórico da sociologia, no intuito de aproximar alguns pensamentos e idéias que circundam a área de humanas, com os objetivos do incentivo à prática cooperativa.

Para inserir neste debate, desenvolver-ar-se-a a teoria da indústria cultural como contraponto aos jogos cooperativos e sua filosofia, discutindo a competição, a formação do mito esportivo e o papel da mídia. Em um segundo momento, debater-se-á sobre, as possibilidades de rompimento com a indústria cultural, tendo como foco, a teoria da ação comunicativa de Habermas. Priorizando a formação do profissional, tendo em vista o cenário sombrio que nossa educação se apresenta, desmembrando as perspectivas do esporte como ligado somente a indústria cultural e teorizando novas formas de intervenção, utilizando os jogos cooperativos com uma proposta de educação libertária e ação comunicativa.

Os pontos principais de discussões são: a inserção de alguns autores da área de humanas e os diálogos pertinentes ao ensino dos jogos cooperativos; a atuação do profissional e sua prática pedagógica; a interação dos indivíduos dentro da comunidade e escola; debater sobre a exacerbação da competição e possibilidades de intervenção dos jogos cooperativos nas aulas de educação física.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO _____	5
II.	INDUSTRIA CULTURAL _____	9
III.	CORPO, EDUCAÇÃO FÍSICA E INDUSTIA CULTURAL _____	15
IV.	TEORIAS SOCIOLÓGICAS E JOGOS COOPERATIVOS _____	21
	A. Materialismo histórico e materialismo dialético _____	23
	B. Teorias Anarquistas _____	30
	C. Teorias Ecológicas _____	33
	D. Teoria da Ação Comunicativa _____	38
V.	APROXIMAÇÕES DO SIMBÓLICO á _____	45
	TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA	
VI.	CONCLUSÃO _____	48
VII.	REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA _____	52

I. INTRODUÇÃO

“Quando as pessoas ou grupos combinam suas atividades, ou trabalham juntas para conseguir um objetivo comum, de tal maneira que o maior êxito de algumas partes concorra para um maior êxito dos demais, temos o processo social de cooperação”. (BROTO 1997:21).

Os jogos cooperativos, como possibilidade de prática pedagógica, contêm em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas. Explorando, neste contexto, a emancipação, dentro de uma perspectiva de educação libertária e ação comunicativa, integrando a ação do agente social ao processo de transformação.

“...para efetuar qualquer transformação na sociedade, que sejam extintas as grandes corporações que dominam o trabalho e as comunicações e as gigantescas estruturas impessoais que são os organismos do Estado. Em vez de tentarmos concentrar as funções sociais em grande escala, o que aumenta progressivamente a distância que separa o indivíduo da entidade responsável (mesmo nas democracias modernas), deveríamos começar outra vez a partir da menor forma possível de organização, para que o contato entre as pessoas seja estabelecido cara à cara, substituindo as ordens emanadas à distância...”.
(WOODCOCK , 1990:2).

Este caráter de transformação, juntamente com a perspectiva de uma educação diferenciada, não disseminadora de uma ótica dominante, traz diversos debates na educação física, principalmente, no que concerne a competição, mesmo nos trabalhos do treinamento esportivo há estudos da educação física escolar. Entendendo o jogo como uma prática humana que necessariamente é disseminadora de um arsenal cultural de uma sociedade ou grupo.

Os jogos pautados na competição reproduzem uma sociedade competitiva, vinculada ao recorde e a máxima de eficiência. Muitos professores trabalham nessa perspectiva, de preparação dos alunos para uma sociedade competitiva. Na idéia destes, o jogo por ser a expressão da sociedade, reproduz e prepara o aluno à vida, esta colocação é

muito próxima ao pensamento do agir racional com respeito a fins, pois o professor espera através do ensino do jogo, que o aluno adquira características típicas do agir estratégico, em resumo, é a reprodução da instituição poder e moeda, isto é, que os alunos ajam na vida para vencer, ser competitivo e reproduzir um modelo dominante e o jogo serviria de base para esta conquista. Competição e cooperação, são processos sociais e valores humanos presentes no jogo, no esporte e na vida. São características que se manifestam no contexto da existência humana e da vida em geral. Porém, não representam, nem definem e muito menos substituem, a natureza do jogo, do esporte e da vida.

Estes ensinamentos que pensam o jogo como “substituto” da vida é próprios da indústria cultural. (Na perspectiva deste trabalho a indústria cultural terá um papel de destaque, pois, reproduz as técnicas, um estilo, uma formação). Este modo de ensinar, influencia na escola e na comunidade o debate sobre os padrões estéticos e estilo de vida. Muitos professores trabalham na perspectiva de reprodução e competição, afastando-se de uma educação introspectiva, ativa e reflexiva. O papel do professor se secundariza, pois perde o seu caráter transformador, fortalecendo o movimento reprodutor e não contestador.

Na verdade o jogo deveria ser um elemento de transformação da sociedade, considerando as crianças como seres sociais e construtivos, isto é, privilegiando o desenvolvimento amplo, inclusive no que diz respeito aos contextos sócio-econômico e cultural. Favorecendo inclusive, a construção e o acesso ao conhecimento, na perspectiva de valorizar a relação Adulto-Criança e promover a autonomia, a criticidade, a criatividade, a responsabilidade e a cooperação.

O problema encontrado nas concepções que trabalham com os jogos competitivos é o da preparação para uma sociedade competitiva, vinculada a uma sociedade de massa (MORIN, 1997). Este pressuposto e este raciocínio de “preparação” é que deve ser repensado, e, assim privilegiar e valorizar uma outra ótica de entender a educação física, pautada nos jogos cooperativos, ou simplesmente valorizar a integração e a criticidade nas aulas.

Neste sentido este trabalho procura desvendar os princípios dos jogos cooperativos, discutindo seu referencial teórico e suas aproximações aos autores das ciências sociais. Pois, a idéia é demonstrar como os jogos cooperativos podem ser entendidos e utilizados

de modo emancipatório e libertário e se há diálogos entre a formação do ideal cooperativo e as teorias sociológicas que privilegiam outro modo de vida, sem ser esse que nos explora.

Uma explicação direta-seria da possibilidade dos jogos cooperativos não reforçarem o princípio competitivo e todos os seus desdobramentos reprodutivos. Mas esta resposta apesar de correta, a meu ver, é pobre de estrutura científica e acadêmica, por este motivo, abordar-se-á a indústria cultural, como uma explicação plausível dos princípios competitivos nos jogos. No capítulo seguinte a esta discussão, trabalhar-se-á com as teorias sociais que possuem perspectivas de superação desta sociedade competitiva, onde, as mesmas formaram uma segmentação teórica para o fortalecimento e divulgação dos jogos cooperativos. E no último capítulo, aproximar as perspectivas educativas de Paulo Freire e a teoria da ação comunicativa de Habermas. Desta união construir-se-á uma possibilidade clara de intervenção dos jogos cooperativos na prática pedagógica e na superação deste modelo social.

Antes de fazer qualquer discussão sobre a indústria cultural, o leitor deve ter em mente que as críticas feitas aos jogos competitivos daqui para frente não os desconsidera, pois primeiramente os jogos são práticas humanas, mas não necessariamente preparadoras para uma estrutura imposta. A existência da competição no jogo não remete diretamente aos problemas sociais no mundo contemporâneo e muito menos a sua superação em si. Todavia entendo que uma mudança na atitude do educador de priorizar atitudes cooperativas na sua aula é de suma importância para a mudança do olhar, além de permitir o aprendizado e formas de relação com o jogo.

Por este motivo trabalhar-se-á com a perspectiva de jogo de (HUIZINGA, 1996:33) *“O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida quotidiana’”*.

Este pressuposto, parte da prerrogativa que a educação física pode servir como instrumento de inversão e transformação de uma ótica, para isso nós devemos acreditar em outro tipo de educação, que não conduza para prática dominante, mas a uma prática libertária e ação comunicativa. Pois, os educadores e outros profissionais que aí atuam são

mediadores do poder dominante através de uma prática pedagógica, entendendo prática pedagógica de maneira ampla, isto é, que vai além dos muros escolares.

Outro ponto importante é de relativizar os tipos de jogos que serão abordados como próximos da cultura de massa, estes são prioritariamente introduzidos no modelo esportivo contemporâneo. Esta aproximação se faz por regras rígidas e maximização ou minimização do esporte, transformando-o em jogo e aplicando em sala de aula. Um exemplo seria as formas *competitivas* de se jogar futebol, (“linha”, “três dentro”, “gol a gol”...), todas reproduzem a competição do futebol “burocrático”. Isto é, o padrão do jogo que na sua essência possui maleabilidade, é abduzido pelas formas corretas de se jogar, onde é priorizado o perfil competitivo, por esta estrutura rígida imposta.

II. INDUSTRIA CULTURAL

“A indústria cultural persegue a demonstração à sua maneira, padronizando os grandes temas romanesco, fazendo clichês dos arquétipos em estereótipos”.
(MORIN, 1997:26).

A preocupação como professor é de estimular na comunidade escolar a reflexão crítica sobre o conhecimento empírico, ou pelo menos deveria ser, valorizando o universo cultural do aluno, através das suas práticas corporais, já que estas podem ser utilizadas como forma de resistência ao processo de desmantelamento da cultura local, de degradação do seu ambiente e da desvalorização de seus ritos e símbolos (BRANDÃO, 1989). Neste contexto político, percebe-se a vivência de uma cultura de massa, definida nas palavras de MORIN, (1997:14): “*Cultura de massa, isto é, produzido segundo as normas maciças da fabricação industrial; propaganda pelas técnicas de difusão maciça; destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos...*”.

A contradição é clara, pois, ao mesmo tempo em que o papel do professor é o de valorizar o universo cultural do aluno, este universo está permeado pela cultura de massa. Esta Indústria Cultural reprime este ser latente, professor e aluno, criando uma estrutura, uma massa social desejante das mesmas coisas que essa fabricação industrial reproduz sistematicamente. Criando um mercado consumidor pobre de idéias, contudo, ávidos pelas engenhocas criadas por este mundo tecnológico.

“De seu lado, as obras de arte tampouco consistiam em exibições sexuais. Todavia, apresentando a renúncia como algo de negativo, elas revogavam por assim dizer a humilhação da pulsão e salvavam aquilo que se renunciara como algo mediatizado. Eis aí o segredo da sublimação estética: apresentar a satisfação como uma promessa rompida. A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimando que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo”(ADORNO E HORKHEIMER, 1986:131).

As engenhocas, os produtos inventados e reinventados pela estrutura de produção material, mercantiliza a própria estrutura social, isto é, transforma de igual maneira um objeto, uma idéia ou um corpo em coisas a serem consumidas. Neste diálogo surdo com a velocidade da criação sem espírito, incide a exacerbação de uma estrutura arraigada na velocidade de consumo, com esta velocidade, ocorre uma desapropriação fácil e mecânica, assim as coisas possuem vida curta e vontade instável, porque a própria utilização deste é volúvel, momentânea e desnecessária para boa convivência. Isto é, a reprodutibilidade material e técnica se reproduzem na convivência humana para uma relação mecânica na troca entre o mundo social e seus pares, dificultando ainda mais o papel do educador.

Desta pequena introdução da indústria cultural podemos nos por duas perspectivas de análises que se resumem em duas frases, a primeira o homem não se coloca problemas no qual não se pode responder dentro de uma perspectiva histórica. Segunda, a intenção de inserção à cultura de massa, como um caminho unilateral na apresentação e incorporação de símbolos, *“O homem precisa tanto de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravadas em seu corpo lança uma luz muito difusa”*. (GEERTZ, 1989:157), assim este fenômeno se aproxima ao próprio consumo sem incorporação do objeto e coisas na sua totalidade. As ações humanas são deformadas, ou melhor, reformados pela vivência em um mundo tecnológico, que possui *relações efêmeras* na reprodução técnica.

A cultura de massa é integrada dentro de um canal difusor de comunicação, as imagens são talhadas e vozes são sistematicamente reproduzidas em um mundo com olhares humanos tendenciosos, que demonstram facetas da realidade fragmentadas, como o próprio mecanismo difusional é por essência. As reproduções técnicas agora são mudadas pelo mundo virtual, a reprodução e a técnica suprimem a própria intenção artística, a tecnologia pela fascinação do diferente inerente ao ser humano, dificulta a reflexão do conhecimento técnico. Assim as máquinas inserem-se nas casas das pessoas invadindo um mundo pessoal e transmitindo o igual. Tentar traduzir a **massa** que Morin sistematizou é tarefa complicada, porque ela remonta a própria relação do homem com a tecnologia. Não é somente a tv, os programas, os jornais e as revistas, mas a tudo que se relaciona à reprodução técnica no mundo contemporâneo.

Quando se amplia o campo de atuação da ação de intervenção, percebe-se como é permeada nas pequenas relações uma idéia de ação voltada ao tecnológico. Assim nas palavras de Giddens, **As conseqüências da modernidade**, podemos compreender a crença existente na tecnologia, que nos faz crer por exemplo, que um avião de mais de 100 toneladas vai conseguir voar. A crença na tecnologia e ao processo tecnológico, parte integrante da massa cultural e reprodutiva, não pode ser execrada pela simples utilização técnica que o humano faz dela.

Habermas escreve brilhantemente que os produtos criados pelo homem (o computador, o rádio, a televisão, enfim tudo), e neste texto ele faz uma crítica a Adorno, Horkheimer e Benjamim, não são partidários, isto é, uma televisão não é um mecanismo em si próprio de uma sociedade competitiva, ou cooperativa. Mas sim, os meios de comunicação e suas formas de utilização representam a contradição inerente ao humano, ou neste caso uma sociedade competitiva.

Entretanto, como fica a crença religiosa, ou melhor, a um endeusamento da tecnologia, que é traduzido por Giddens como a crença nos "sistemas peritos", isto é, ocorrem dois mecanismos, o primeiro é uma humanização da tecnologia, a outra é confiar nos seus mecanismos como se ela possuísse vida própria. Um exemplo válido é a confiança que temos no avião, que pesa toneladas e cremos que ele não vá cair. Este é a confiança nos sistemas peritos, outra forma é humanizar a técnica e tecnologia, como fazem por exemplos alguns que dizem que a indústria cultural é culpada pela falta de criticidade das pessoas.

O mecanismo de comunicação serve para ativar a bomba atômica, ou criar novos meios de proteção ambiental. Então o que deve ser proposto é entender que não a técnica mas sua utilização é passível de crítica negando a reprodutibilidade técnica como algo ligado a toda a técnica humana criada. E não colocar os sistemas e a tecnologia como além do humano, isto é, endeusamento da tecnologia. Mas sim, colocarmos neste diálogo um divisor de águas, no que se refere a apropriação do conhecimento e o material em si, preocupando-se com a forma de apropriação de todas as coisas, de utilização dos mecanismo de massa, da reprodução no calor da história deste mecanismo.

Quando se pensa na difusão das imagens de competição, da sexualização, da violência, não se deve pensar que isto é ruim pela essência do meio de comunicação, mas é como os homens constroem a relação com este meio de comunicação. Por isso o emprego

da expressão cultura de massa é correto, pois quando se designa o termo cultura estamos trabalhando com uma totalidade, e, nesta totalidade as relações dos homens, nesta troca criam-se símbolos, vontades e imagens. Analisar o humano, sobre outro foco, como mero consumidor do mundo moderno, é descaracterizar a característica humana de racional e por consequência distanciar a busca da emancipação. Pensar qualquer outra coisa sobre a ação do homem em sociedade é pensar uma estrutura estanque e fragmentada, pior, sem ação no social.

No capítulo referente aos cientistas sociais, serão debatidos os caminhos que levam a emancipação através dos jogos cooperativos, que em resumo é a utilização dos jogos cooperativos nos princípios comunicativos em um mundo da vida não colonizado, ou, em uma cultura, grupo e sistemas integrados de símbolos e linguagem sem os aspectos retroativos e dominantes da indústria cultural.

Apesar desta possibilidade que o modelo teórico nos dá quando aborda sobre as possibilidades de emancipação, também nos mostra os mecanismos contrários, os contra fluxos da transformação, existem inúmeros: vontade política, concentração de riqueza, a elite dominante. Neste trabalho analisa-se a indústria cultural e seus aspectos de invasão cultural, como afastamento da possibilidade do agente social se conhecer enquanto cidadão do mundo porque transformador.

Nestas linhas, percebe-se o caminho ofensivo dessa invasão cultural, os meios e formas de coibirem a construção de mecanismos internos não possibilitando a continuidade do universo cultural local, impondo de maneira destrutiva modelos de ações sociais. O modelo da indústria cultural contém formas corretas de se viver. Viver o mundo das imagens e linguagens industriais.

Quer dizer que a apropriação de tal modo é consentida pela população, que as tradições são jogadas e incorporadas de modos distintos. Esta visão ampla do social, afirma que a reprodução é de responsabilidade dos próprios atores inseridos. Não se pode impedir de maneira alguma o contato, mas vive-se um dilema de entrar em contato com outras culturas, pois quando se critica o desmantelamento da cultura local, não se colocam obstáculos para a troca, mas sim a falta de troca que existe neste encontro. A troca entre modos de produção distintos, ou mundos da vida contextualizados, permite o crescimento intelectual, político e social da humanidade, todavia, as culturas de modo geral estão

perdendo as suas características peculiares para uma forma “americanizada” de se viver, por exemplo. Logicamente a interpretação do novo ocorre a partir do velho, contudo neste movimento de interpretar o novo pelo velho sistematicamente não permite a confluência do que é referente à cultura local, pois a velocidade e a evolução do novo descaracteriza as tradições fundamentais do velho, ocorrendo uma interpretação do novo pelo mais novo. O novo deveria suceder o velho sem sepultá-lo.

Nesta discussão, muitos podem colocar como inerente ao humano, que o homem necessita do novo e para isso se relaciona, que a evolução das técnicas deu-se por este motivo. Assim, com a velocidade dos acontecimentos e a descartabilidade das coisas integrantes deste mesmo processo, os homens inseridos neste sistema, assistem a uma fugacidade e não complementação da incorporação simbólica, apenas sutilezas, em outras palavras, parece que não há uma troca entre os objetos e o homem, as coisas que são trocadas, são incorporadas na sua parcialidade, esta é a lógica introduzida, a da futilidade. Então as pessoas não incorporam a dinâmica e nem exploram a dinâmica do novo objeto, mas sim a parcialidade de sua velocidade que contempla a próxima troca e o próximo desejo.

Como obter uma relação plausível, entre a integração da velocidade, a interpretação do novo e a valorização da cultura local.

“Como ele nasceu a cultura e, uma vez nascida, ela determinou seu próprio curso de forma a crescer totalmente independente de qualquer evolução orgânica do homem. Todo o processo de criação da capacidade do homem moderno de produzir e usar a cultura, seu atributo mental mais destacado, é conceitualizado como sendo uma mudança quantitativa marginal, que deu origem a uma diferença qualitativa radical, como acontece com a água quando, reduzida grau a grau sem perder sua fluidez”. (GEERTZ, 1989:75).

Nas colocações de Geertz, podemos perceber que a desvalorização da cultura local, não ocorre tão mecanicamente como foi exposto nas páginas iniciais deste capítulo. Pois o mundo da vida, que é o mundo da cultura, da troca, do aprendizado, da linguagem, é muito mais complexo que apenas uma estrutura de aprendizado dominante. Neste sentido percebemos a existência de um movimento cultural “universal” a procura deste individualismo afirmativo da indústria cultural, a crença nesta individualidade (que beira o

individualismo), juntamente com a possibilidade parcial de interpretação dos símbolos, revela suas intenções, ao pensar que seu juízo representa a sua vontade e o que ocorre é uma ilusão nestas possibilidades de ir além do mundo que lhe é imposto.

A estrutura inteira move-se de acordo com o direcionamento da livre escolha, livre escolha também direcionada para um modelo de consumo. Estamos apresentando um mundo sem volta onde apenas o modo de reprodução prevalece, pois a sua escolha, mesmo sendo original, requer um mundo todo a sua volta que produz seu objeto de desejo, ou dá as condições materiais que permita a constituição do desejado; aquilo que forma a sua essência do querer também é insuflado pelos mecanismos estéticos e técnicos da aquisição dos objetos para seu prazer. O querer é intermediado pelo poder ter.

Por isso a indústria cultural, constrói as necessidades que já podem ser supridas, permitindo às pessoas pensar que a vontade é apenas subjetiva. Assim, o consumo é integrado a uma estrutura social marcada pela contradição, onde a individualidade inerente ao social é mascarada por um painel de escolhas completamente unilateral. A indústria cultural é ávida por processos tecnológicos, onde tudo se transforma na velocidade das imagens, desejosas por querer o diferente dentro de uma estrutura igual.

Formalizando as suspeitas de um mundo conflitante, estamos inseridos em um momento histórico onde ocorreu uma desestabilização do social, criando um rompimento do controle na aquisição de material, na possibilidade de compra. Como exemplo podemos citar as propagandas da televisão, onde o desejo por um carro ou outros bens, que não podem ser adquiridos, transforma-se em grandes sonhos, assim em um ideal de vida que constrói a estrutura do capital. Assim constrói o desejo, o *desejo* como parte integrante do *sentir prazer*, o prazer realimenta o desejo para mais desejo porque o homem busca incessantemente auferir prazer (GUTIERREZ, 2001).

III. CORPO, EDUCAÇÃO FÍSICA E INDÚSTRIA CULTURAL

Alguns pressupostos básicos

“Uma racionalização e burocratização tomaram espaço nos esportes tradicionais, os quais igualmente apresentam uma homogeneização, obedecendo a um ambiente disciplinar e controlador. A noção de Record, entendida como avanço ou superação de metas, participa originalmente de uma idéia linear, unívoca e progressista da história, identificando uma melhora”.
(BRUNHS, 1999:23).

A cultura no sentido mais amplo integra-se em diferentes mecanismos de ação, eles perpassam pelo universo simbólico no qual o agente vive. Onde o corpo, como parte integrante da incorporação, materializa um espaço para a troca, assim, o corpo é o primeiro filtro da simbologia em diferentes níveis, seja através dos sentidos, ou experiências. Na formação do universo cultural, têm-se diferentes níveis de compreensão nas formas de aprendizado, na influência do meio e nas formas de relação. Todas inseridas em um invólucro crescente de simbologia.

O corpo, como filtro das mensagens cotidianas, é integrado completamente, a análise cultural de um povo, o mundo social provém deste tato com o corpo, da troca do corpo com o ambiente, cada gesto e cada símbolo remontam um corpo presente ao todo social.

As respostas aos questionamentos remontam ao entendimento do corpo como canal de filtragem do universo cultural. O homem adquire um corpo parcial ao se inserir em um mundo veloz e fragmentado. Pois se ele, homem, incorpora os objetos na velocidade sem reflexão, também o seu corpo que é extensão da sua totalidade fica parcializado. Esta colocação nos remete aos corpos esportivos e sua estética. Formas de ligação do corpo no mundo também pela velocidade. Reafirmando o modelo dominante de interpretação da realidade.

Estes talvez sejam os pressupostos mais sólidos para inserir na discussão a educação física, como ciência que estuda o corpo na sua totalidade, entendendo as formas de incorporação dos símbolos e a inserção do agente no universo cultural e mundo social, concomitantemente, no entendimento externo-interno contraditório do homem no mundo.

Na educação física há o debate da questão de recordes, da moldagem de um corpo ideal competitivo, um corpo belo, ou um belo corpo, a estética sempre presente. Como corpo é um canal primeiro de recepção do mundo e para o mundo. O corpo exprime diretamente porque visual, mostrando o quanto e como a indústria cultural influi na estética do indivíduo.

A aproximação de um jeito certo ou errado de ser, partindo de um padrão imposto pela cultura de massa é visualizado nos corpos caminantes pelas ruas, shopping, faculdades, escolas...

Os limites da padronização não são muito claros, pois se confundem com a questão da qualidade de vida – na minha opinião a argumentação de qualidade de vida, para operações estéticas, ou a busca da beleza perfeita através de aparelhos e/ou exercícios massantes e repetitivos, não deve ser desculpa para a inserção e aceitação acrítica por parte dos seus usuários, estes são ligados na sua grande maioria ao grupo dominante – todavia existe a influência todos os dias dos meios de comunicação de massa, com fotos, imagens e propagandas. Dentro desta perspectiva de estética, do culto ao vencer, da perfeição, da velocidade, percebemos a força que o mesmo possui na nossa cultura.

Contudo, o grande problema que assistimos é o culto exacerbado, tornando o corpo mercadoria de venda, pensando que o esporte e sua prática só podem ser competitivos, pensando competição em um sentido amplo, desde a competição de alto nível aos amadores, à balança, a sua amiga que é mais ajeitada, refiro-me a competição cotidiana, inserida no debate sobre as ações estratégicas. Parece que toda a prática esportiva minimamente se aproxima a este mundo “competitivo”.

Podemos pegar o exemplo na introdução deste trabalho, onde se comenta sobre a questão da incorporação dos jogos, sua minimização em esporte e a exacerbação da estrutura esportista e competitiva. Por isso, a proposta deste trabalho, dos jogos cooperativos, pois se espera que minimamente nas ações dos professores que não contemplem ações estratégicas, consiga inserir em alguns momentos dos alunos algo

diferente que reproduzimos na indústria cultural. Entender a relação no jogo como possibilidade de cooperação, não a cooperação para o vencer, mas de simplesmente jogar sem o olhar de dominar ou ser o melhor.

Contudo, o jogo ligado aos padrões esportivos e o esporte ligado a mídia, demonstra um casamento perfeito, que afasta e muito às possibilidades de inserção de qualquer perspectiva libertária. Percebe-se que ficamos atados, pois ao mesmo tempo em que se tenta possibilitar a superação do modelo, mais mecanismos reprodutores do sistema são colocados, parece que as armas que utilizamos são sempre as mesmas, liberdade, reflexão, ação comunicativa... enquanto o mundo da indústria cultural se desdobra em tantas possibilidades e ações que nos deixam atados.

A dúvida que aparece é se existe possibilidade, ou, possibilidades de ações dos professores para a mudança desta situação, porém, ocorre que a própria situação muda constantemente, isto é, a velocidade da criação sem reflexão da indústria cultural é mais veloz do que passa a transformação individual e consciência coletiva dos professores.

Acredito que a esportivização se insere em um mecanismo maior da indústria cultural, por isso sua perspectiva no mundo contemporâneo é dependente à mídia. Mas, no limite parece que o esporte, no sentido que temos hoje, só existe a partir de um desenvolvimento da indústria cultural. Pois, o esporte se insere na vida das pessoas, no cotidiano e na formação pessoal, como reprodutor da indústria cultural. O esporte competição nasce conjuntamente com a revolução industrial, a técnica, o poder e a vontade de ser mais rápido e melhor, é um “prato cheio” para a inserção do esporte no mesmo movimento de evolução da técnica e da estrutura rígida da burocracia esportiva.

Desta perspectiva do culto ao vencer, não somente o vencer se insere nas práticas esportivas, ou mesmo, nas práticas com fins últimos na estética. Temos também a inserção do desejo, pois o esporte cria imagens e heróis que complementam o círculo na criação das vontades. Este mito, esta criação, gera o conflito da reciprocidade e da auto-imagem, este é mais uma forma de aproximar a imagem do esporte à imagem estéticas que encontramos no mundo social.

Esta criação de imagens, descentra o indivíduo do seu auto-conhecimento, do seu limite enquanto sujeito, que possuiu um corpo que deveria ser diferente tão quanto as suas características psicológicas.

O descentramento do indivíduo do eu é inerente à criação da imagem e semelhança do outro, isto é, a própria reprodução do objeto de desejo. Há o afastamento do indivíduo do seu corpo, ocorre um processo de contemplação das ações alheias sem uma intervenção, sem uma incorporação crítica. A reprodução sistemática do herói, ou do mito, leva a uma legião de sem identidade, para a recepção do eu no outro. Esta situação é tão volátil quanto a compra de um objeto, pois tanto o objeto como o herói são trocados sistematicamente de acordo com a reprodução das imagens pelos meios de comunicação.

Nestas linhas, fica claro que os termos industria cultural, cultura de massa e reprodução sistemática dos objetos de uma elite dominante e não estou apenas me referindo as discussões usuais que abordam a questão ideológica, como: a reprodução do pensamento, não nego nenhum momento estes pressupostos, contudo temos uma apropriação primeira desta reprodução, que é o corpo, quando se fala desapropriação dos seus ritos e símbolos, não digo que é referente a uma dança típica, um adorno, digo que muda uma postura corporal, um jeito de ser no mundo e este jeito de ser esta forma igual que cria corpos dóceis, corpos sem alma, corpos consumidores, corpos muitas vezes mortos, são referentes ao consumo acrítico dos produtos e formas que os homens inseridos no movimento da industria cultural adquirem.

Já estamos acostumados com estes pressupostos, pois já somos a industria cultural, Isto é, os produtos adquiridos pelas técnicas e tecnologias já foram apropriados por nossos mecanismos internos e nossos corpos. Todavia, em outras comunidades, esta síndrome da aparência estética fica mais crítica, porque há o limite do estar dentro do padrão e assumi-lo e o exemplo das comunidades carentes, migrantes das grandes cidades, nas conurbações urbanas e periferias onde se quer imitar o padrão estético dominante criado por eles sem ter as condições mínimas materiais para fazê-lo.

Pois um movimento e a incorporação dos objetos da industria cultural de quem faz parte da criação deste, isto é, a elite que detêm os meios de comunicação criam os produtos para a sua classe, o outro é a reprodução na cultura de massa destes mesmos objetos por uma classe que não representa esta criação, esta só representa a reprodução. Não defendo a criação sistemática da industria cultural, mas, há uma proximidade muito grande na recriação estética, o mesmo movimento de opressão de uma maioria, enquanto a mesma maioria se mantinha alheia a qualquer destes padrões, hoje, existe a industria cultural, que é

parte reprodutora, onde esta maioria entra em contato e tenta ser igual aos dominantes, e estes por sua vez, criam novos modelos para serem diferentes. Este é o movimento do consumo, do fetiche, da diferenciação de corpos não por idéias, mas, por decorações e recriações de estilos caóticos e sem sentido.

Surge desta perspectiva apontada a pergunta que move o trabalho, existe uma forma de não reproduzir a indústria cultural e seu padrão competitivo na educação física e seu padrão estético? Pois, os jogos infantis, já reproduzem e induzem as crianças a competição, os pais inseridos no mundo do trabalho competitivos também introduzem o culto ao vencer, pois estão permeados pela indústria cultural. Isto acontece porque os jogos são também históricos e sociais; todavia se acreditamos em uma mudança de ótica, no poder de emancipação, neste sentido, podemos pensar os jogos cooperativos como uma possibilidade de ir além dos limites permitidos de reflexão, de cooperação, de igualdade, que a indústria cultural pode dar. Tentando minimamente não reproduzir, o espaço competitivo em que vivemos, isto é tarefa difícil. Conseguir superar um padrão estético-cultural é a intenção de qualquer educador como Paulo Freire.

Contudo, deve-se salientar e oferecer um ponto de luz, um caminho e uma possibilidade de intervenção na escola, onde a ferramenta do professor é viável, que é sua prática pedagógica.

Pois se esta sociedade competitiva possibilita pensarmos em jogos cooperativos ela não é somente competitiva, quer dizer que as pessoas, os agentes sociais, não estão inseridos somente no mundo competitivo. Se assim o fosse, a palavra cooperação não deveria existir, este argumento ficará mais claro no próximo capítulo quando se abordará Habermas, com a teoria da ação comunicativa.

Em resumo, a teoria da ação comunicativa discute a palavra inserida em um campo maior da linguagem, simboliza o mundo da vida que estamos inseridos, as perspectivas possíveis de ação são também expressões de fala, quando surge uma palavra, surge um sentido da mesma e se existe a ação que esta palavra denota é que há a possibilidade de intervenção. Neste sentido, se trabalhamos com a palavra cooperação, ela pode ser desenvolvida de maneira ampla, como a palavra competição requer uma ação e também é difundida. Por isso, despertar para o sentimento cooperativo, antes de tudo é saber da possibilidade do mesmo, pois se insere no mundo contemporâneo no auge da indústria

cultural, pode-se simplesmente supor que a idéia dos jogos cooperativos é uma forma de sublimação de um estilo e elevação de outro, onde atores sociais não contentes com este estilo dominante criam possibilidades que vão além da origem primeira da palavra, valorizando seu aspecto cooperativo e igualitário.

Com esta afirmação sigo o trabalho, agora com um novo foco, quais teorias dentro da sociologia, puderam dar vazão a esta idéia de cooperação, que é próximo ao da superação desta forma econômica, deste estilo de vida, deste padrão estético. Quais são os paradigmas existentes e suas possíveis interpretações da inserção dos jogos cooperativos no mundo contemporâneo, o que de diferente traz os jogos cooperativos para a discussão acadêmica na área de educação física.

IV. TEORIAS SOCIOLOGICAS E JOGOS COOPERATIVOS

Possíveis relações e inter-relações.

“Quem quer que seja que ponha as mãos sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu declaro meu inimigo” **Pierre-Joseph Proudhon O Diário do Dr. Satan Sem Data.**

Um vasto campo teórico na sociologia trabalha com formas possíveis de superação da sociedade vigente, estas mesmas teorias, cada uma no seu contexto histórico, procuram estabelecer princípios e diretrizes para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nestas teorias palavras como superação, emancipação, transformação são freqüentes. Assim, procuro fazer neste capítulo, algumas relações básicas destas teorias sociológicas e os jogos cooperativos. A idéia é trazer elementos que justifiquem pensar os jogos cooperativos como possibilidade de transformação em uma sala de aula ou em intervenções na comunidade. Pois se existe hoje uma preocupação com os princípios de emancipação e transformação individual na educação física e a utilização do jogo como ferramenta para isso, é provável que haja um bojo teórico que sustente estas idéias e ações, pois a idéia de cooperação nos jogos não “nasceria” sem uma previa existência na academia de possibilidades de superação de um modelo pautado também na competição.

Por estes motivos apresentados discutir-se-á as seguintes teorias sociológicas, inseridas no contexto dos jogos cooperativos, a idéia, como já foi exposto anteriormente, é dar indícios das relações possíveis da teoria e da prática cooperativa, por este motivo não se aprofundará em cada teoria.

O Materialismo Histórico e Materialismo Dialético é o primeiro; procuro trazer neste debate conceitos amplos do mundo do trabalho e as formas de superação da práxis cotidiana; a possível inserção dos jogos cooperativos seria na própria práxis, como reflexão de um ideal de emancipação de uma estrutura capitalista, em uma perspectiva do marxismo mais voltado ao Manifesto Comunista. Seguindo este mesmo universo, trabalharei com as teorias anarquistas, estas, trazem palavras chaves para compreender os jogos cooperativos, pois ações conjuntas, não inserção no modelo competitivo, organizações informais, a idéia

de cooperativas de trabalhadores, são lemas que movem os anarquistas, neste mesmo movimento vêem a discussão cooperativa e a utilização dos jogos. As outras teorias são as ecológicas (Ecologia Profunda, Ecodesenvolvimento e Desenvolvimento Sustentável); a sua concepção possui ranços anarquistas, inserindo a educação ecológica neste meio, onde os jogos cooperativos serviriam como proposta metodológica de aplicação dos ensinamentos “verdes”. Terminando esta pequena passagem pelas teorias sociológicas, trabalharei a seguir com a teoria de Habermas, Teoria da ação Comunicativa, onde os jogos cooperativos poderiam ser incluídos na concepção de Habermas do Agir Comunicativo, pois no agir comunicativo as pessoas esperam ações integradas para o entendimento mútuo.

Um ponto importante que devo salientar, é dos motivos que levaram a inserção de diferentes linhas teóricas para o debate, a idéia não é um debate epistemológico de cada linha, como já foi salientado, mas mostrar que no campo acadêmico, teórico, existem teorias que trabalham com esta mudança do todo, o envolvimento neste sentido reflete exatamente a possibilidade de inserção da idéia cooperativa nos jogos. Pois existe um bojo teórico que alimenta a idéia de superação de um modelo, neste sentido se inserem os jogos cooperativos como possibilidade de atuação prática na educação física de alcançar os princípios emancipatórios e libertários trazidos neste texto.

A. MATERIALISMO HISTÓRICO E MATERIALISMO DIALÉTICO

Consciência unitária capitalista

“Foi o capitalismo que pela primeira vez produziu, com uma estrutura econômica unificada para toda a sociedade, uma estrutura de consciência – formalmente – unitária para o conjunto da sociedade. E esta estrutura unitária exprime-se, justamente, pelo fato dos problemas da consciência relativos ao trabalho assalariado se repetirem na classe dominante, refinados espiritualizados, mas também, por isso mesmo, exacerbados”.

(LUKÁCS, 1989:114).

No Materialismo Histórico e Materialismo Dialético, em uma perspectiva do marxismo voltado ao Manifesto Comunista, encontramos as formas de superação da contradição do capital.

Inserido no mundo do trabalho, o trabalhador, estaria envolvido pelos processos de produção. Através desta reprodução do trabalho ele não refletiria sua posição na esfera social, pensando que seu ganho é fruto de todo o seu trabalho, que não é bem verdade, pois ele ganha uma pequena parte do seu trabalho produzido, e o que sobra é apropriado pelo capitalista, o detentor dos meios de produção.

Diferentemente de Weber, Marx não minimiza a questão do partido e classe social à esfera individual, ou a objetivos ligados a esfera poder. A discussão neste autor passa da possibilidade de mudança social pelo partido numa classe social trabalhadora, desenvolvendo a consciência de classe na estrutura social. Nesta formação operária, criar mecanismos de mudança das relações de produção. A referencia de Marx à classe e a formação de um partido na estrutura social é própria da classe trabalhadora. Onde, as possibilidades de rompimento com o capitalismo e as relações de produção partem de uma união dos trabalhadores em um partido, criando um contexto próprio aos pressupostos de uma consciência de classe. Pois, o partido dentro da estrutura social possibilita a

amplificação das idéias e a materialização das vontades dos operários em um contexto histórico determinado.

Com a formação dos partidos e a disseminação dos ideais operários, este seria a ferramenta dos trabalhadores para entender o modo de produção, a mais-valia, o fetiche, a alienação e as formas de acumulação do detentor de capital.

Todavia, no marxismo a classe social e o partido podem ser visto de outra forma, Luckács e Thompson, trabalham muito próximos das idéias de Marx, mas com diferenças sutis. Em Luckacs, as relações e os modos de produção, a formação do partido e a inserção em uma classe social amplia a reprodução da estrutura capitalista, através do fenômeno da reificação, que é a formação das relações em coisas, próximas ao que Marx chamou de fetiche, só que bem mais exacerbados. Thompson aborda a classe social e o partido relacionado-os há um fenômeno histórico, como algo que não pode ser analisado estaticamente. O movimento das classes e o fenômeno histórico são parte primordial da formação de uma consciência de classe. Dando muita ênfase ao contexto histórico-cultural do grupo, afastando por assim dizer de uma consciência de classe universal que é colocada no Manifesto.

“O materialismo dialético e o materialismo histórico são os dois elementos principais e conjugados do mesmo processo teórico-prático de reflexão sobre o capitalismo. Na obra de Marx, o capitalismo é levado a pensar-se a si mesmo, de maneira global e como um modo fundamentalmente antagônico de desenvolvimento histórico. Da mesma forma que o modo capitalista de produção, a dialética marxista funda-se nas relações de antagonismo. O princípio da contradição governa o modo de pensar e o modo de ser. Mesmo porque, ambos são manifestações da mesma época histórica. As relações de antagonismo ocorrem em todas as épocas históricas, aparecem em todos os modos de produção. Em cada época, no entanto, adquirem configurações particulares. Em cada época, as determinações econômicas, políticas, religiosas ou outras organizam-se e determinam-se reciprocamente de modo diverso. No capitalismo, os antagonismos fundados nas relações econômicas adquirem preeminência sobre todos os outros, enquanto determinação estrutural”. (IANNI, 1988:8).

O pensador Marx, desvendou a forma de desenvolvimento da estrutura capitalista, como ocorre a acumulação do capital e as peculiaridades dentro de sistema que aliena o

trabalhador **A** conhecer as formas de exploração do seu trabalho, transformando trabalho vivo em trabalho morto. Na sua perspectiva dialética, inserem-se a superação do modelo estando dentro do mundo do trabalho, onde a classe trabalhadora é percussora desta superação, pois com a consciência operária das formas de exploração capital, a união dos trabalhadores em grupos, exigindo garantias básicas no trabalho, salários justos e participação nos lucros, por exemplo.

No mundo do trabalho permeado pela tecnologia é que os trabalhadores teriam condições, pela formação de uma classe coesa, de superar as contradições do capital. Esta formação operária, ocorreria pelo estudo da classe, isto é, a formação de uma consciência de classe; pois, em diferentes épocas os dominantes afastaram qualquer possibilidade de reflexão dos trabalhadores quanto a sua posição no universo produtivo, assim a superação deste modelo se dá prioritariamente inserido nos meios de produção, no mundo do trabalho. Através do pensamento da ideologia burguesa, marcada na própria estrutura operária de obtenção de lucro, riqueza e exploração do próprio trabalhador pelo trabalhador. Ou mesmo o envolvimento do trabalhador na estrutura capital para aumentar seu poder de compra, seja dos objetos, seja de sonhos ou qualquer outra coisa existente nos meios de produção capitalista. Estas aquisições se transformam em vontades maiores do que adquirir a consciência de classe e superação.

Percebe-se uma clara aproximação e indícios na discussão da indústria cultural e o envolvimento dos mecanismos burgueses de coesão de sua classe no todo social, e desta aproximação é possível fazer com os jogos, os educadores que também são trabalhadores e se inserem na ideologia burguesa, bem como a possibilidade de utilização dos jogos cooperativos, como possibilidade de consciência dos alunos de uma estrutura que é imposta e posta à competição.

A aquisição de objetos, a mudança estética, os padrões de beleza, também são parte desta discussão, que na sua essência traz a discussão do fetiche, que é mais um dos mecanismos da estrutura capitalista de manter coesa a ideologia burguesa, que é pautada na obtenção de produtos. Estes produtos do capital refletem tanto a falta de poder de compra, a situação subalterna de uma classe, como também, o ideário coletivo de transformação de uma simples mercadoria em algo a ser conquistado, dando poder e vida, representando-a como algo fantasmagórico, que existe além da sua real utilidade. *“É isto, que eu chamo o*

fetichismo que adere aos produtos do trabalho, tão logo são criados sob a forma de mercadorias, e que é inseparável, por conseguinte, deste sistema de produção”. (MARX, 1988:12).

Como parte integrante deste grande processo, temos a destituição da mecanização do trabalhador, dos processos destrutivos e alienados que promovem o mesmo. O processo de alienação é importantíssimo para compreender a falta de consciência de classe, pois, inseridos na produção o trabalhador não consegue discernir a exploração que esta sendo submetido, não compreendendo o valor do trabalho e da mais-valia absoluta e relativa no processo produtivo.

“A mais-valia e a mercadoria são a condição e o produto das relações de dependência, alienação e antagonismos do operário e do capitalista, um em face do outro. A forma mercadoria cristaliza tanto o produto do trabalho necessário à reprodução do produtor (trabalho pago), como o produto do trabalho excedente (não pago) e apropriado pelo capitalista, no processo de compra e venda de força do trabalho. A mais-valia e a mercadoria, pois, não podem ser compreendidas em si, mas como produtos das relações de produção que produzem o capitalismo. Na análise dialética, elas surgem como realmente são, isto é, como sistemas de relações antagônicas”.

 (MARX, 1988:9).

O conjunto de fatores que promovem a alienação corresponde aos mecanismos capitalistas de sustentação da própria exploração do trabalhador. Manter uma classe inteira sem o conhecimento do mundo a sua volta, dos processos técnicos e da conjuntura do seu trabalho é fundamental para manter a ordem capital.

“Quanto maiores a riqueza social, o capital em função, a dimensão e energia de seu crescimento e, conseqüentemente, a magnitude absoluta do proletariado e da força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exercito industrial de reserva. A força de trabalho disponível ‘ampliada pelas mesmas causas que aumentam a força expansiva do capital. A magnitude relativa do exercito industrial cresce, portanto, com as potencias da riqueza, mas, quanto maior esse exercito de reserva, em relação ao exercito ativo, tanto maior a massa da superpopulação consolidada, cuja miséria está na razão inversa do suplicio do seu trabalho. *Esta é a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista*”.

 (MARX, 1988:129)

Ⓐ desenvolvimento técnico de três séculos para cá, mostra o avanço que a estrutura capital possibilitou, na aquisição material e possibilidade de intervenção no mundo. Ao mesmo tempo que este desenvolvimento da técnica, possibilita as novas aquisições e este domínio planetário, faz uma estratificação do trabalho, onde ocorre a alienação, pois a consciência da totalidade é um dos pré-requisitos para a emancipação, afirma-se que a alienação é parte “sine qua non” do capitalismo, neste sentido a evolução de uma estrutura capitalista contempla esta separação e o desenvolvimento material e técnico é parte inseparável deste processo (ADORNO E HORKHEIMER, 1986).

Segundo Lukács, processo este que todas as classes estão entregues. Fica claro que o autor avança Marx na alienação do capital, porém, a estrutura do materialismo histórico assegura que a alienação é um dos processos de afastamento da superação das contradições do capital, não importando se a classe dominante é alienada, pois, de qualquer modo, ela enquanto dominadora não deseja mudanças nesta estrutura.

A ideologia e a alienação são partes da dificuldade de superação do capital e da aquisição da práxis cotidiana, para a conquista de um outro modo de produção, menos mecânico e mais justo para a humanidade. O mercado produtivo necessita desta alienação do trabalhador, que vê no trabalho a conquista material, não a superação da exploração do seu trabalho como entendia Marx no processo produtivo, pois, as conquistas tecnológicas faz o homem querer se inserir neste avanço do homem, todavia, acontece no mundo capital, o privilégio de somente uma classe possuir os materiais de desejo e sua sublimação da vontade. Neste sentido a ideologia burguesa é uma arma do próprio sistema, integrando os seres humanos para a busca de um ideal produtivo que serve para a mais-valia, alimentando o avanço tecnológico e servindo como gerador da vontade e do desejo.

“O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre o qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual” (MARX, 1988:83).

A dominação nos processos produtivos, caminha conjuntamente para a formação da ideologia e ao projeto de consumo. Esta também é uma das dificuldades que encontra a práxis cotidiana para a superação, pois a dominação dos meios de produção, do processo

comunicativo e da comunicação em geral, faz parte de um conjunto maior de mecanismos que promovem a desintegração dos trabalhadores e o controle de suas vontades para o mesmo processo produtivo.

A dominação parte da contradição entre a liberdade de escolha e a criação de uma massa reprodutora, por criar através da ideologia dominante, processos onde a pessoa se imagina dono de suas vontades, isto pode ser claro no processo produtivo da dominação, mas o que ocorre é a repetição deste domínio em diferentes escalas, pois em uma empresa a iguais tentando dominar outros para uma melhor posição. O agente pensa-se como único e o que acontece: ele reproduz o próprio sistema inserido nesta massa.

Nas discussões relativas à alienação, também podemos fazer uma ponte para o universo escolar de ensino, com os educadores, onde inseridos em um sistema reprodutivo como foi colocado, no capítulo referente aos jogos cooperativos, há uma repetição sistemática, dos mesmos jogos e aplicação. As aulas e sua estrutura também reproduzem uma técnica, um jeito de ser e um jeito de se fazer que se reproduz sistematicamente nas aulas nas explicações e jogos. Por isso os pressupostos desta discussão também são parte do universo do professor e do profissional.

O que se assiste nos jogos cooperativos colocado no mundo real, quando aplicados, percebe-se as pessoas participando competitivamente, isto é, na aplicação dos jogos também se vê a incorporação da competição, como ocorre a reprodução da dominação entre os trabalhadores inserido no processo produtivo.

Assim, mesmo na aplicação dos jogos cooperativos existe o limite que uma estrutura imposta admite, por isso os princípios de emancipação, liberdade, são deixados de lado.

Mas isso não deve ser usado como limite para a prática cooperativa, pois se defende o jogo cooperativo como atividades inseridas em um contexto maior de explicação do social e de superação do mesmo, não que professores comecem a atuar nas escolas e assim florescerá um ideal cooperativo e mudaremos o mundo. Contudo, a formação escolar é um caminho para a criação de uma massa crítica que pode auxiliar nos meios de produção, pois, apesar do professor não se inserir na produção em série, ele também está envolvido pelo processo apresentado por Marx, como alienação, fetiche, mais-valia.

Na teoria marxista a mudança se dá no mundo do trabalho, uma ferramenta que é proposta neste estudo é de intervir como educador em uma prática não dominante, isto é, mesmo que o professor esteja inserido no mundo reprodutivo do trabalho ele como agente educador possa desenvolver trabalhos distintos dos processos que o envolvem o trabalho, assim, possa não passar a ideologia da indústria cultural e o fetichismo aos seus alunos, criando mecanismos de emancipação na sua aula, no seu dia-dia.

B. TEORIAS ANARQUISTAS

“O socialismo, na acepção mais larga da palavra e mais autêntica, significa a sociedade feita de instrumentos de liberdade, de bem-estar de desenvolvimento progressivo e integral para todos os seus membros, para todos os seres humanos”.

(MALATESTA, 1980:87)

A teoria anarquista, tem como objetivo, a superação da dominação de um modelo político e social controlador das massas. Acreditando na mudança através de hábitos, costumes ou revolução, alguns mais radicais que outros, Bakunin, Malatesta, e Kropotkin são alguns exemplos.

Bakunin fez as críticas mais claras e duras ao modelo explicativo de Marx. Em resumo, a práxis não pode se inserir em um todo social reprodutivista, não é possível superar inseridos no modelo, pois o próprio modelo elimina as possibilidades de transformação. A práxis cotidiana não contempla a transformação, por estar arraigada dos mecanismos de dominação do próprio capital, onde, a teoria marxista não contemplaria a ação imperialista das instituições sociais inseridas no modelo de mundo capitalista.

Outro ponto que encontramos no anarquismo é a de não partido, ou grupos políticos, para que as pessoas se manifestem através e pelas suas vontades, nas ações que privilegiem o coletivo, na formação de uma estrutura de pensamento de superação do modelo e nas ações integradas.

A sua preocupação maior é de eliminar a estafa mental que assola as pessoas, estando presas a estruturas rígidas que guiam o pensamento para caminhos dúbios e vontades de uma minoria.

“A idéia chave do anarquismo é simples: nenhum partido, agrupamento político ou ideológico, colocando-se sobre ou fora das classes trabalhadoras para governar ou para guiar, pode conduzir realmente à sua emancipação mesmo que esse seja o seu desejo sincero. A emancipação efetiva só pode ser realizada por uma ação direta dos

interessados, dos próprios trabalhadores agrupados e não por intermédio da bandeira de qualquer partido ou de uma formação ideológica, mas apenas nos seus próprios organismos de classe, na base de uma ação concreta e da auto administração, ajudados, mas não governados, pelos revolucionários trabalhando no próprio seio das massas e não fora delas ou sobre elas. A idéia anarquista é a verdadeira revolução emancipadora só poderão ser realizadas, não pelos anarquistas como tais, mas pelas próprias massas, os chamados para esta questão a não ser para esclarecer e ajudar em certos casos. Se o anarquista pretendesse cumprir a revolução social ‘guiando’ as massas, tal pretensão seria ilusória, como foi a dos bolcheviques, pelas mesmas razões”. (GUÉRIN, 1980:33).

Estas criações de vontades que dizem respeito ao coletivo, podem ser trabalhadas através da superação tecnológica, técnica, científica ou material. Para Bakunin a forma de se chegar a este novo mundo igualitário, dá-se pela revolução armada, ele inclusive participou de inúmeras batalhas, a mais conhecida foi na Espanha.

“Partindo desta verdade fundamental: a evolução das faculdades morais e intelectuais pressupõe a satisfação das necessidades materiais, e não pode haver liberdade onde não há igualdade e solidariedade, o socialismo reconhece que a servidão em todas as suas formas, política, moral e material, deriva da dependência econômica do trabalhador para com os detentores da matéria prima e dos instrumentos de trabalho. E, depois de ter procurado tateando seu caminho, depois de ter produzido uma série de projetos artificiosos e utopísticos, acho enfim a sua base sólida no princípio, cientificamente demonstrado, da justiça, utilidade e necessidade da socialização da riqueza e do poder”.

(MALATESTA, 1980:87).

Na teoria, qualquer inserção nas instituições ligadas ao capital, mundo trabalho como um todo, não serve como forma de superação do próprio modelo econômico. A escola e os meios de produção nas fábricas são sistemas coesos da estrutura capital que irão reproduzir o mesmo sistema produtivo no qual estão inseridos.

O papel do profissional para a revolução em um primeiro momento é para o aspecto militar, em um segundo, os intelectuais serviriam como meio de transmissão da igualdade, fraternidade e liberdade, a função da transformação só seria possível depois de conquistar os mecanismos de poder da burguesia. Após isso haveria a atuação dos profissionais para a

consagração de um mundo mais justo e libertário, que deverá ser construído na prática revolucionária.

Podemos colocar a ação do educador, dentro de uma explicação de libertação, como um profissional que possibilitaria a eliminação nos meios escolares das amarras existentes da liberdade, diminuindo a separação do aluno e do professor. No contexto apresentado, os jogos cooperativos, seriam instrumentos dentro desta teoria, bem como os aspectos que contribuem para a emancipação.

A superação deste modelo é obvio para o anarquismo, mas ao invés do desejo pelas coisas produtivas e materiais, ocorreria uma inversão dos desejos. O desejo pelo coletivo, assim, a conquista material a qualquer custo não possuiria espaço na ação anarquista. O prazer seria intermediado não mais pela vontade de querer e não poder do capital (que dá a possibilidade sonhar com o objeto, o mostra e o induz a querer mais, limitando o acesso aos bens), mas sim por uma superação de massa das vontades para uma cooperativa das vontades e desejos.

As críticas ao modelo de explicação anarquista são voltadas a falta de academicismo das teorias. Pois elas, são explicações de ações práticas e experiências anarquistas, deixando de lado a estrutura acadêmica de explicação de um modelo, percebe-se isso em relatos de algumas experiências isoladas, como as cooperativas de trabalhadores, os meios de produção coletivos nas colheitas. Apesar de não existir uma explicação clara das maneiras e dos modos de se chegar nesta divisão do trabalho produtivo, bem como o desenvolvimento da tecnologia neste novo processo político anarquista, estes relatos servem como claras possibilidades de inserir na estrutura o modelo anarquista.

Por isso, os jogos cooperativos e ação do professor podem ser discutidos na teoria anarquista como sopros de igualdade na escola, isto é, a formação do profissional deve privilegiar a emancipação dos alunos, e, dentro da estrutura de pensamento anarquista qualquer forma que privilegie a ação social que vai ao encontro da estrutura competitiva e reprodutivista capitalista deve ser disseminada, por isso os jogos cooperativos carrega no próprio nome as marcas e indícios do pensamento anarquista.

“Quando jogamos cooperativamente podemos nos expressar autêntica e espontaneamente, como alguém que é importante e tem valor, essencialmente, por ser quem é, e não pelos pontos que marca ou resultados que alcança” (BROTO, 1999:5).

C. TEORIAS ECOLÓGICAS

“Um padrão de assentamentos humanos mais concentrados acarretaria consumo de energia menos intensivos, em termos de necessidades de transporte, e ofereceria melhores chances de organização de um sistema justo de troca entre os povoadores pioneiros e a economia externa (digamos, em forma de cooperativas). A adoção de assentamentos em núcleos facilitará também um abastecimento adequadamente homogêneo e o desenvolvimento de sistemas de apoio social e cultural apropriados”.
(SACKS, 1986:58).

Nas leituras das teorias ecológicas, percebe-se uma grande dose de aproximação desta com as teorias anarquistas, por explicar a superação do modelo consumista abordando, ou melhor enfatizando o problema ambiental. Onde a explicação racional para não haver as disparidades econômicas, sociais, passa também pelos aspectos de proteção ambiental. Um exemplo deste envolvimento de outras frentes na luta da ecologia, é a participação de diversas ONG's, que integram em seu trabalho ações de educação ambiental, cidadania, conhecimento dos problemas do mundo. *“Este é o ponto central da ecologia cultural: a maneira como a relação homem-homem modifica a relação homem-natureza em determinados casos representativos e como os resultados afetam o futuro de ambos”*(SACKS, 1986:47).

As teorias mais estudadas são representadas por Sacks, Herrera e Diegues. Desenvolvendo nesta ordem as teorias: o ecodesenvolvimento, a ecologia profunda e o desenvolvimento sustentável.

O importante destes modelos de intervenção na realidade material, é justamente mostrar que a indústria cultural e o seu consumo atingem diversos pontos e questões. As alternativas políticas do ecodesenvolvimento são muito próximas das teorias anarquistas. Existem relatos que a nova releitura anarquista são a onda verde, deste modo, as discussões

ecológicas priorizam a crítica da indústria cultural, ao consumo, à diferença de classe e à destruição da natureza.

Assim, pensar em um modelo que privilegia a natureza é pensar na destituição do mundo capital, concentrando as forças de transformação para a criação de um estado menos dominador e mais cooperativo.

Os jogos cooperativos, nesta exposição, como nas teorias anarquistas servem de instrumento para uma ação maior, isto é, eles serviriam como meio de aplicativo dos ideais ambientais. Como instrumento, os jogos são utilizados de diferentes maneiras, transformados conforme o desejo da atuação do profissional que o aplica, todavia, os mesmos problemas que encontramos em outras situações, como a inserção da competição e da indústria cultural também é vivenciado nos jogos cooperativos instrumentalizados.

“Termo ecologia profunda, criado por Naess, possui a idéia de consciência ecológica, respeito ao ecológico e a vida natural; interferência humana a ética como responsável a essa forma de viver com o mundo natural” (DIEGUES, 1994:35).

A teoria trabalha com a representação do entendimento da totalidade do homem. Mas do que uma teoria, representa um estilo de vida, uma forma de estar no mundo, seu princípio fundamental é o respeito à natureza e seus pares sociais. Unindo a integração do homem e da natureza, onde o consumo predatório deve ser desestimulado.

“Os humanos não têm o direito de reduzir a biodiversidade, exceto para satisfazer suas necessidades vitais; o florescimento da vida humana e das culturas são compatíveis com um decréscimo substancial da população humana. O florescimento da vida humana requer tal decréscimo; a interferência humana é demasiada; as políticas devem, portanto, ser mudadas, afetando as estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas. As mudanças ideológicas se referem a apreciar a qualidade de vida”. (DIEGUES, 1994:38).

Não contempla a tecnologia como forma de desenvolvimento humano, acreditando no desenvolvimento intelectual e na reflexão com a natureza. O desejo e a vontade, inseridas no consumismo, devem dar lugar ao respeito à natureza. Promove a volta para ideais mais simples, destituindo qualquer forma de apresentação da indústria cultural

“O ecodesenvolvimento é um instrumento heurístico na colocação de um conjunto coerente de questões sobre o ambiente como potencial de recursos que podem e devem ser postos ao serviço da humanidade em uma base sustentada”. (SACKS, 1986:113).

O ecodesenvolvimento se preocupa com a produção e o consumo, mas prioriza uma educação para o consumo. Desenvolvendo formas alternativas de energias e produção menos prejudiciais à natureza e ao homem. Propõe um modelo de sociedade futura onde a educação ambiental deve ser integrada a todas as formas de conhecimento, acreditando na forma de conhecimento científico vinculado a produção sistêmica, não credita às teorias objetivista o papel de mudança social, sendo assim, é uma teoria política por dar indícios de mudanças estruturais nos governos e criticar alguns dos relatos de transformação da sociologia.

Afirmando que o modo de produção capitalista é responsável por esta degradação, propondo vidas alternativas, na política e no social, propõem mudanças do paradigma tecnológico e do consumo, para modos de produção que não prejudiquem a natureza.

Esta teoria propõe um modelo cooperativo nos modos de produção, trabalha com indicadores de pobreza para mostrar a gravidade do mundo capitalista, principalmente os índices de fome e divisão de rendas.

Caracteriza o fetiche como sendo um dos propulsores desta destruição e a dominação humana. A ciência teria um papel fundamental na formação deste novo mundo, criando possibilidades de intervenção na natureza menos impactantes.

A forma de mudança se daria no próprio seio social, a partir da educação ambiental e ética na comunidade científica, como primeiros pontos a ser desenvolvidos. A mudança de paradigma ocorreria em todos os âmbitos e instituições, pois estaríamos caminhando para esta sociedade mais desenvolvida e igualitária, por isso ecodesenvolvimento. Este é o motivo para desenvolver as técnicas de produção para a construção de um mundo integrado ao meio ambiente.

A teoria mais coesa, em termos teóricos, é o ecodesenvolvimento, pois a ecologia profunda é mais um debate filosófico e o desenvolvimento sustentável, por ter sido criado por uma instituição ligado ao capital, não iria propor a destruição do mesmo, ficando na imparcialidade das alternativas políticas.

O ecodesenvolvimento acredita na integração em todas as esferas da vida e do social, a transformação prioriza a ação humana pelas formas de ação, agir estratégico e ação comunicativa, integrando-se na sua essência sistêmica no mundo. As formas de mudanças da sociedade perpassam pela filosofia de vida, onde todos devem ser agentes deste processo.

Todavia, os pressupostos teóricos fundamentais das teorias ecológicas, necessitam de uma análise empírica mais cuidadosa. Mesmo, abordando as questões da indústria cultural ligado ao consumismo, apresentando números para chocar a opinião pública para a reflexão dos seus desejos e vontades, esta é uma forma encontrada pelos ecologistas para sensibilizarem a opinião pública sobre a necessidade de mudança deste modelo produtivo, assim as teorias ecológicas caminham a passos lentos, mas, formando um arcabouço intelectual que em futuro próximo começará a ser referência nos estudos das ciências sociais.

Nesta teoria o prazer teria um papel fundamental na mudança do paradigma, pois há um dilema entre continuar este consumo e morrermos ou preservar, criando uma sociedade alternativa.

Diferente de muitas teorias ecológicas, o ecodesenvolvimento é uma teoria iluminista, assim o papel da tecnologia inserido neste novo pensamento e visão de mundo tem um local privilegiado. Construindo uma teoria que privilegia o contato dos indivíduos e a vontade de mudança em cada ser, aposta na formação humana ampla em todos os âmbitos e assim se aproxima da teoria mundo da vida habermasiana, onde Habermas coloca a ação comunicativa como utopia da transformação.

O crédito da ciência para o ecodesenvolvimento é importante, pois no mundo científico encontram-se as formas de aliviar a exploração da natureza pelo homem, mantendo uma vida permeada por facilidades tecnológicas e respeitando o meio ambiente. Apesar desta aproximação relativa a Habermas, Sacks diferentemente acredita na transformação do mundo pelo trabalho.

“Importantes forças culturais centradas nos valores ocidentais do individualismo, do significado da vida e do que é que dá satisfação ao homem, são temas recorrentes nesta discussão. Em particular, o conceito de necessidades humanas (básicas/não básicas e materiais/não materiais) requer elaboração e uma discussão para poder redirecionar os

esforços de desenvolvimento. O conteúdo do desenvolvimento sustentável será encontrado em uma melhor compreensão do conceito de necessidades". (HOGAN, 1999:60).

Não propõe uma mudança na formação política ou uma mudança no modelo de produção capitalista, apenas interfere em um capitalismo mais social, como se isso fosse possível. Outro ponto relevante é a questão da captação de recurso, propondo alternativas de utilização de recursos muito mais controladas, mesmo com a inserção das técnicas novas desenvolvidas. O papel da ciência é reduzido, assim as alternativas tecnológicas perpassam, por uma inovação e ao mesmo tempo manutenção da estrutura capitalista.

Os jogos cooperativos são totalmente instrumentalizados em ações educacionais, não existindo formação própria, isto é, os jogos cooperativos têm função de passar uma idéia que deve se inserir ao todo no desenvolvimento sustentável. limitando o jogo às características ambientais.

"Todos os estudos sérios concordam que a atual população mundial podem ser alimentadas adequadamente, e que o único obstáculo para alcançar esse objetivo são as formas de organização social e econômica que impedem o pleno uso da produtividade potencial da terra". (HERRERA, 1982:38).

D. TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA

“Quando os atores tratam de harmonizar internamente seus planos de ação e de só perseguir suas respectivas metas sob a condição de um acordo existente ou a se negociar sobre a situação e as conseqüências esperadas”.

(HABERMAS, 1989:165).

A Teoria da Ação Comunicativa no contexto apresentado, inserindo na explicação de modelos de transformação do mundo social, caracteriza por seu aspecto das duas polaridades que se inserem no mundo da vida, e separam as ações que privilegiam a transformação ou a reproduzem.

Neste caso estou falando do agir estratégico e comunicativo.

“A coordenação das ações (...) estrategicamente, depende da maneira como se entrosam os cálculos de ganho egocêntrico. O grau de cooperação e estabilidade resulta então das faixas de interesses dos participantes”.(HABERMAS, 1989:165).

Estas ações estratégicas podem ser inseridas e decodificadas em maior grau, no mundo do trabalho, onde atuam a instituição poder e moeda. Neste sentido, o mundo do trabalho se desloca na sua essência das relações pessoais, porque ele é imerso na própria forma estratégica de agir em comunidade, representa exatamente aquilo que reproduz a vida na indústria cultural, pois no trabalho o homem produz objetos se igualando a própria máquina, transformando mecanicamente qualquer forma de interação recíproca e libertária para a conquista de uma emancipação além da indústria cultural.

Pois o mundo do trabalho, *Fetichiza* as relações humanas, inserido no sistema trabalho, os homens reproduzem o mundo competitivo, afastando-se da interação e do convívio que promova a igualdade centrada no mundo da vida não colonizado, neste, insere-se as ações comunicativas. Assim a troca unilateral no mundo da produção através de um agir racional com respeito a fins desequilibra as relações, porque os agentes inertes neste universo buscam preferivelmente a dominação. Para exemplificar, todos inseridos no

trabalho desejam subir um posto, manter uma boa imagem, ser exemplar e possuir dentro da dinâmica interna da instituição pertinentes regalias que o façam sentir importante, todos procuram dentro do mundo do trabalho mais ou menos isso; essa caracterização impede por exemplo, dentro da teoria comunicativa de Habermas, a busca do consenso, ou a proximidade de uma relação entre iguais que privilegie a comunicação, o argumento, o discurso centrado na transformação e igualdade.

Uma estrutura social que complementa através de seus atores o projeto de consumo e abraçam com o ideal de qualidade de vida, como se pequenos objetos suprissem a vontade humana maior de conseguir viver em harmonia consigo e com o próximo.

O mundo da vida que foi comentado na introdução, é o mundo das relações, onde o simbólico está presente, é o todo social. Quando Habermas se refere ao mundo da vida não colonizado, discute o ambiente que não está permeado pela instituição poder e moeda. Onde há a possibilidade do agir comunicativo. Pois, na Instituição Poder e Moeda há colonização da linguagem, do símbolo para a comunicação no mundo do trabalho. Como no trabalho só é possível ações estratégicas a comunicação e o uso da linguagem é voltado para a dominação, por isso a utilização do termo “colonizado” para se referir ao mundo da vida permeado pela Instituição poder e moeda.

Neste conflito do mundo da vida, do mundo da vida não colonizado pela instituição poder e moeda, juntamente com as ações estratégicas e comunicativas é que insere o debate de apropriação das estruturas de reprodução trabalhadas ao longo deste texto.

Assim, considerar o humano frente às apropriações materiais e à ação reflexiva do homem, que integra a discussão precedente e, ao mesmo tempo, superar esta contradição dos pólos de ação humana, deve-se ir além destes mecanismos de controle e da invasão tecnológica do mundo da vida. Sempre tendo em vista pensar nos mecanismos da superação. O mundo da vida é onde ocorrem as relações sociais, onde expressa o simbólico, a ação, contempla qualquer forma de vida orientada para o entendimento ou para a reprodução estratégica.

Alguns pontos obscuros emergem. Simples fatos, por exemplo: como se vive em um mundo que é apenas reprodutivo; ou se as relações são apenas instrumentalizadas. Para alguns autores esta resposta contempla a sua visão de mundo, mas a pergunta que nos devemos fazer: Qual a possibilidade de rompimento com o mundo contemporâneo pensado

através e somente pelo instrumental? Isto é, existe a possibilidade de construção de um mundo que privilegie a comunicação, com os princípios do agir comunicativos? Pois se todas as ações fossem instrumentais, o todo social ficaria colado aos princípios de dominação.

“Na medida em que os atores estão excluídos orientados para o sucesso, isto é, para as conseqüências do seu agir, eles tentam alcançar os objetivos de sua ação influenciando externamente, por meio das armas ou bens, ameaças ou seduções, sobre a definição da situação ou sobre as decisões ou motivos de seu adversários. A coordenação das ações de sujeitos que se relacionam dessa maneira, isto é, estrategicamente, depende da maneira como se entrosam os cálculos de ganhos egocêntricos. O grau de cooperação e estabilidade resulta então nas faixas de interesses dos participantes. Ao contrario, falo em agir comunicativo quando os atores tratam de harmonizar internamente seus planos de ação e de só perseguir suas respectivas metas sob a condição de um acordo existente ou a se negociar sobre a situação e as conseqüências esperadas. Em ambos os casos, a estrutura teológica da ação é pressuposta na medida em que se atribui aos atores a capacidade de agir em vista de um objetivo e o interesse em executar seus planos de ação. Mas o modelo estratégico da ação pode se satisfazer com a descrição de estruturas do agir imediatamente orientado para o sucesso, ao passo que o modelo do agir orientado para o entendimento mútuo tem que especificar condições para um acordo alcançado comunicativamente sob as quais Alter pode anexar suas ações às ações do Ego”. (HABERMAS, 1989:164-165).

O mundo do trabalho reproduz ações estratégicas e racionais com respeito a fins, por isso é impossível haver uma transformação na esfera trabalho. Com esta afirmação Habermas coloca em cheque a práxis marxista, pois a inserção do agir estratégico dentro das relações de trabalho afasta qualquer forma de superação, onde a luta de classe não existiria na sua totalidade no mundo do trabalho, devido a instrumentalização do próprio trabalho. Esta discussão remete para o entendimento do agir racional com respeito a fins, para a compreensão da dinâmica estratégica e reprodutivista nas relações de produção.

A análise habermasiana pensa o humano não somente como racional para a dominação. Para Habermas, esta alternativa não contempla o todo social, as relações objetivas e subjetivas do mundo. Pensar o ser humano unicamente pelo paradigma da dominação é distanciar da amplitude do homem de ser e estar no mundo. Na formação de

sua teoria comunicativa, Habermas separa o mundo do trabalho da esfera cotidiana, pois inserido neste sistema ocorre somente a reprodução material e técnica, em outras palavras, ações que privilegiam a dominação. O mundo do trabalho (instituição poder e moeda) coloniza o mundo da vida.

No mundo da vida, permite a procura do consenso, através do aprendizado e da superação das formas estratégicas, neste sentido, Habermas insere os processos educacionais, de aprendizado, como possibilidade de formação deste homem maduro que substitua suas ações estratégicas por formas comunicativas. Na explicação de Habermas, o processo educacional e de aprendizagem, por se inserir no mundo da vida e na sua simbologia, é parte fundamental para incutir no ser humano formas de agir moral e social, separando em níveis o aprendizado e estágios de desenvolvimento dos aspectos normativos, sociais e psicológicos.

O autor, para sustentar a sua explicação, do mundo da vida e integrar a questão do aprendizado, inserindo a individualidade e o contexto social, no mesmo bojo teórico, faz uma relação dos mundos que integram e interagem nas relações simbólicas e lingüísticas, sendo o mundo social, mundo normativo e mundo subjetivo, a representação desta relação com as normas, com os aspectos subjetivos e o social.

O mundo social contempla as relações com seus pares, as relações com o outro, próximos a um entendimento social de ação características. O mundo normativo refere-se a moral, a ética e ao juízo de valor. O mundo subjetivo revela as conquistas, as vontades e o querer, muito próximo do prazer. A existência dos três mundos que coexistem no real, serve a teoria habermasiana como instrumento de integração das teorias sociais, referentes a mudança do contemporâneo, com alguns avanços dos teorias educacionais e de formação.

Trazendo para o campo filosófico alguns princípios normativos dos autores que trabalham com a aprendizagem e formação do sujeito, por isso, as categorias de Habermas servem como pontes elucidativas do seu conceito, para não limitarmos o entendimento do mundo da vida apenas pelo simbólico e linguagem, o que seria muito próximo da antropologia, mas de percebermos a totalidade da concepção de homem e possibilidade de entendimento do sujeito social, ao integrar na sua teoria aspectos ligados a psicologia e os modos de incorporação das normas para a formação do homem e deste fazer alusão aos caminhos das leis e do agir na sociedade.

O mundo da vida só existe se os três outros mundos coexistirem mutuamente, em qualquer relação.

Para a formação deste homem maduro (que contempla ações comunicativas), Habermas se utiliza três grandes autores da teoria da aprendizagem, Selman, Piaget e Kohlberg. Estes autores contemplam a formação da personalidade do indivíduo, sua formação intelectual e as formas como as normas sociais são incutidas no homem até a concepção do princípio normativo. De cada autor discute a formação do sujeito, em Selman discute a formação do homem pela linguagem e normas. Nos exemplos de Kohlberg utiliza a formação moral universalista. Em Piaget encontra as respostas no construtivismo para a formação dos processos de ensino e relação da criança com o mundo.

Neste debate Habermas demonstra as passagens para a formação do homem maduro, este inserido no mundo da vida não colonizado, aboliria as ações estratégicas para a convivência.

Na teoria da ação comunicativa o aprendizado e as passagens dos níveis de ação servem para demonstrar os avanços na formação do discurso e do diálogo. Habermas separa em três níveis, que seria o de 1^a, 2^a e 3^a pessoas, os aspectos da linguagem. Onde a primeira é o falante, a segunda é o ouvinte e a terceira é o observador. Na formação da teoria a colocação destas três pessoas e o respeito pela comunicação estão relacionadas diretamente na formação desse homem maduro, além de ter os pressupostos das teorias de desenvolvimento e aprendizado, deve haver por parte do agente o respeito aos três níveis do diálogo.

Esta inserção através do aprendizado contempla o autoconhecimento, parte substancial de percepção do eu e o todo social, para o “encarceramento” das ações estratégicas e abertura maior aos princípios normativos de convivência cooperativa.

A linguagem, então, possui um aspecto fundamental na teoria de Habermas, juntamente com a lingüística. Por este motivo Habermas consegue criar uma teoria que contempla a superação da indústria cultural, do desejo, da vontade e do prazer, pois a reflexão é parte primordial do processo comunicativo, a cooperação íntegra e interage na formação intelectual no mundo da vida. Conquanto se distancia do mundo trabalho, pois a superação se dá no sistema da vida, com seus agentes formadores de história e construtores de novos paradigmas.

A categoria mundo da vida é estruturada através do mundo como conhecemos, onde se passam todas as relações sociais, nesta estrutura Habermas consegue ir além do problema do capital, pois ele não acredita que a transformação ocorre pela luta de classe, pois o trabalho não oferece as condições necessárias básicas para o agir comunicativo, que em outras palavras, seria a liberdade, a reflexão e o direcionamento para o entendimento mútuo.

Exatamente pela competição no mundo do trabalho, não existe, portanto, consenso, pois tudo é vinculado a lógica do capital, não permitindo a relação comunicativa.

Criar as máximas de possibilidade da comunicação para que fora desta esfera trabalho haja a comunicação, esta é a resposta de Habermas. Na tentativa de maximizar a aproximação da ação comunicativa, apesar de saber que o estratégico ainda domina a comunicação. Procurar desenvolver consensos e permitir a formação do Homem Maduro e o respeito às subjetividades intactas.

As possíveis aproximações com os jogos cooperativos, parte das formas que o agente pensa o jogo. Os jogos cooperativos nesta teoria não podem ser instrumentalizado, pois Habermas, trabalha com o humano, não com ações descoladas do mundo da vida contextualizado. Neste caso o olhar dos jogos cooperativos funcionaria como a análise das ações comunicativas no jogo, pois ele em si não traz a reflexão, mas como o educador aborda a situação do jogo, para privilegiar o consenso. Logicamente se você elimina as ações estratégicas do jogo, extinguindo o vencer e o adversário, fica um pouco mais claro a inserção dos jogos cooperativos neste debate, que é a busca do consenso e a busca da emancipação.

Nesta relação com o educador existe a experiência comunicativa, assim, quando há a formação do homem, nos estágios que já foram relacionados, segue-se a apropriação do mesmo no mundo da vida e na incorporação simbólica, pois se no plano da Teoria da Ação Comunicativa, os jogos cooperativos não possuem aspectos de transformação, mas sim de possibilidade de discussão dentro da estrutura do jogo, a forma como é abordado a situação pelo agente que esta à frente deste processo é importantíssimo, pois, o profissional deve ter o cuidado de permitir o agir comunicativo para as pessoas envolvidas neste processo. Assim os jogos cooperativos não são instrumentos para a comunicação e sim o educador é o instrumento de privilegiar ou não as ações comunicativas.

Para que haja a formação do Homem maduro na relação Aluno-Professor, faz necessário o princípio comunicativo colocado por Habermas, que são os níveis de aprendizado, de desenvolvimento, da ética discursiva e da inserção em um mesmo mundo da vida contextualizado, respeitados estes, poderemos ter ações que privilegiem a comunicação, o consenso e o agir comunicativo.

V. APROXIMAÇÕES DO SIMBÓLICO à TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA.

“O homem precisa tanto de tais fontes simbólicas de iluminação para encontrar seus apoios no mundo porque a qualidade não-simbólica constitucionalmente gravadas em seu corpo lança uma luz muito difusa”. (GEERTZ, 1989:57).

O conceito de Geertz, é muito útil para perceber como ocorre a interação simbólica na totalidade inserida no humano para a humanidade. Exatamente para reafirmarmos a função de agente da ação e a possibilidade de incorporação dos mecanismos de ação na sua parcialidade. O homem como construtor da sua história, compreende os equívocos, as angústias, os desejos e as forças que movem, para tudo ser incorporada e ser interpretado dentro de uma dimensão simbólica.

Neste capítulo, trarei alguns indícios de possibilidades de apropriação do simbólico, nas ações cotidianas, estas como parte importante, do aprendizado. Esta relação do simbólico, pode ser aproximada, da idéia de Habermas do mundo da vida, ao mesmo tempo questiona a incorporação para as ações estarem mais ou menos próximas das ações estratégicas.

A melhor adequação da possibilidade de intervenção é assistir o agente inerte no processo de reconhecimento do mundo e de se reconhecer no mundo. Nestas duas formas sentir-se-ia mais ou menos munidos de um arsenal cultural não quantificável, onde as possibilidades de atuação dos mecanismos de ação dentro do universo de ação do homem entrariam em harmonia, determinante claro para a superação do desmantelamento cultural, pelo encontro de duas formas de viver distintas.

Uma estrutura nova é lançada e um trabalho inovador é suficiente motivo para integrar esta visão de mundo mais ampla com a intervenção dos jogos cooperativos. Uma possibilidade de intervenção no mundo concreto.

Assim o esporte possui ao seu lado uma reprodução sistemática das imagens para a criação e desenvolvimento dos seus mitos, ao mesmo tempo cria situações para o desenvolvimento da velocidade com seus recordes, ampliando a ação do agir estratégico através da competição e formação unilateral de símbolos no desenvolvimento do eu. Para a estruturação através da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa. Todo este processo pode ser interferido pela ação comunicativa cotidiana. O sentimento de um corpo competitivo, também é construído pela própria essência do descartável.

“Esta prática implica, por isto mesmo, em que o acercamento das massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem ‘salvadora’, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com elas, conhecer, não só a objetividade em que estão, mas a consciência que tenham dessa objetividade, os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que e com que estão” (FREIRE, 1991:101).

A proposta de formação de uma estrutura coesa, não reprodutora dos mecanismos de controle, os jogos cooperativos devem ser introduzidos como possibilidade de minimizar os pressupostos fundamentais da esportivização, como: a competição, o mito do herói, o desejo de consumir, ampliação do agir estratégico. Esta preocupação com as formas de mudança, no universo cultural no mundo da vida, tem a utilidade de não reproduzir um mundo social com falta de homens maduros, *“a dificuldade consiste, nesse caso, em resolver o problema mais rapidamente que o adversário. A vida é feita de choques, de golpes, de ataques e de defesas, de sucessos e de fracasso... tudo isso também faz parte de uma educação bem concebida e bem conduzida”*. (LEIF, 1978:113). Nesta explicação do autor que também critica esta ação do profissional, nos mostra, como a incorporação do simbólico e do aprendizado, estão intrincadas, assim as ações comunicativas que podem privilegiar o uso comunicativo dependem desta inserção simbólica em um mundo da vida.

Na prática, ou na realidade material, os pressupostos podem ser vistos como parte de uma perspectiva ampla no processo de aprendizagem dentro dos níveis operacionais de construção do eu no coletivo. Interferindo na formação parcial dos indivíduos, onde a incorporação da velocidade de consumo, ocorre sem a reflexão sistêmica, a velocidade nos mecanismos de ação afasta a formação do homem maduro. Mas, podemos também

entender que a parcialidade e a velocidade fazem parte da criação mecanicista da vida e não há como mudar, onde a reprodução destes princípios ocorre sem a intervenção do agente.

Os jogos cooperativos permitem ir além das práticas cotidianas da educação física, priorizando ações comunicativas de ajuda mútua. O emprego do mesmo faz parte de uma leitura Habermasiana aplicativa, assim a experiência de aproximação da categoria sociológica de Habermas e dos jogos cooperativos permitem interpretações da Teoria da Ação Comunicativa, a partir da interpretação do simbólico, e da possibilidade de liberdade que o educador oferece no jogo.

VI. CONCLUSÃO

*Lição da pipa: Aquele que deseja
subir ao alto, deve aprender a voar
contra o vento. (Provérbio Chinês)*

Trazendo o debate para a educação física pode-se integrar a ação transformadora ao ensino dos jogos cooperativos, voltados a preocupação dos alunos para o entendimento máximo das formas de ação.

Mas como conseguir atuar se no cotidiano o professor se insere na instituição poder e moeda, reproduzindo as ações estratégicas. Pois a transformação dar-se-á no mundo da vida através do agir comunicativo.

As aulas (estão no mundo do trabalho e reproduzem o agir estratégico) de educação física teriam o papel de aproximar este mundo da vida que é intermediado pelos pólos subjetivo, normativo e social, para facilitar a comunicação e a apropriação dos mecanismos culturais no mundo trabalho. Em outras palavras, procurar maneiras de inculcar nos alunos princípios que o auxiliem na prática comunicativa possível somente no mundo da vida. Por isso, nesta conclusão, parto do pressuposto que a relação feita dos jogos cooperativos e ação comunicativa dar-se-á no mundo da vida não colonizado.

Assim o mundo da vida permite a ação e as formas de interação para a emancipação, através do diálogo, que é parte integrante da incorporação dos símbolos de determinado grupo social. Os corpos assim proferidos vêm de encontro à discussão quando imaginamos que a incorporação ocorre através dos sentidos e do diálogo, este último é parte integrante da incorporação do corpo na sua totalidade.

Existe um aprendizado que é inerente ao ser humano, como processador do aprendizado para a mudança. A pergunta que fica é: a educação física possui pressupostos teóricos para auxiliar nesta mudança?

A comunicação e a Teoria da Ação Comunicativa podem auxiliar na formação de um novo paradigma cultural da comunicação. Para a educação física pode incorporar a discussão das formas de ação e análise do mundo dependente do universo cultural e da ação do indivíduo. As incorporações deste universo dependentes da expressão simbólica, do

corpo e da linguagem, são partes importantes da teoria do mundo da vida e agir comunicativo.

A educação física propõe para esta intervenção, as facilidades na cooperação, a ajuda mútua e o desmembramento do esporte, deixando de ser entendido como somente competitivo, parte inerente da dominação como possibilidade de intervenção pedagógica. A utilização dos jogos cooperativos e a comunicação através dos corpos e das ações motoras possibilitam a intervenção no desejo de vitória, para a participação coletiva. Sendo primordial a participação do educador como intermediador das ações comunicativas.

Contudo, os professores na esfera do mundo do trabalho, devem minimizar os contrastes do agir estratégico na ação cotidiana. Permitindo o mínimo de espaço para o entendimento mútuo. Devendo estar atentos a esses acontecimentos, que interferem na prática cotidiana, pois, exploram nos alunos, sentimentos de competição, de exacerbação do corpo, da sexualização e da mercadoria do corpo, devido à influência destes pela ótica da cultura de massa.

Por isso teremos que na prática diária promover reflexões e ações, que vão ao encontro desses sentimentos explorados nos alunos. Na visão de Freire o professor é responsável por qualquer ato e sua ação direciona para uma atitude e postura reflexiva ou reprodutiva.

O professor de educação física tem que se preocupar com este desmantelamento da cultura local, propondo momentos de reflexão e apropriação dos conceitos e ações, distintos dos vinculados a cultura de massa, aproximando os alunos da cultura local e do seu universo representativo (**BRANDÃO, 1983**).

Nessa mudança de ótica a idéia é introduzir ao cotidiano dos alunos esta valorização. Para isso, entende-se que o professor na sua prática pedagógica é promotor, ou deveria ser, de uma aproximação e interação do ambiente do aluno aos estudos do corpo em sua integridade, por ser, o corpo, a forma primeira de apropriação, reprodução e materialização de uma cultura, onde o diálogo e a ação comunicativa encontram-se conjuntamente, inseridos na possibilidade de transformação.

A formação ampla, do homem maduro, perpassa pelo reconhecimento das ações para a constituição do consenso, neste afastamento, tanto o aprendizado corporal, quanto a linguagem evoluem para o ensinamento cooperativo.

As práticas corporais são concebidas dentro do conceito de cultura, pois não vemos dissociação entre o corpo e a cultura. Nesse sentido, colocamos práticas corporais como sendo os movimentos do corpo impregnados de significados dentro de um contexto determinado. Assim, trabalhando com o contexto, valorizam-se as potencialidades dos alunos em sua integridade.

Para isso, entende-se a Educação Física justamente na abordagem cultural (DAOLIO, 1997), isto é, discutindo dentro da comunidade as formas de apropriação do corpo como momento reflexivo da ação, perguntando-se, qual é a política dominante de moldagem deste corpo? Para os profissionais serem cientes do modelo reprodutivo da cultura de massa. Tendo como princípio que as formas de dominação não ocorre somente no âmbito político, mas em todas as escalas, inclusive no que diz respeito ao corpo, à linguagem e sua moldagem.

Pelo corpo ser este primeiro canal de filtragem, sabemos da dificuldade em conquistar uma “educação libertária”, (FREIRE, 1991) e Ação Comunicativa, porém, as possibilidades de ações dentro da prática pedagógica são inúmeras. Por isso, propõem-se a utilização dos jogos cooperativos como possibilidade de trabalhar com os alunos nesse universo representativo esquecido, alimentando a criatividade e a recriação do universo dos alunos. Isto porque os jogos cooperativos são distintos da lógica apresentada e revigorada nessa estrutura reprodutivista, possibilitando um trabalho integrado e articulado que toma força, pois, nas comunidades a articulação, a linguagem e o sentimento de coletividade são muito fortes, pois representam o mundo da vida e a ação comunicativa.

Para a mudança propõem-se a utilização dos jogos cooperativos. Na sua concepção e conceito, os jogos cooperativos introduzem a idéia de grupo, de objetivos comuns e de processos. Vindo de encontro a nossa intenção de ação na comunidade. Valorização do mundo da vida e do universo cultural. Afloramento da liberdade e perspectiva para o entendimento mútuo.

Os jogos cooperativos se preocupam com a inclusão, aproximando do que Brandão considera uma pesquisa participante, que é o trabalho conjunto e articulado entre o sujeito e o pesquisador da ação, no caso, o educador e os alunos. Fazendo desta interação, o contato para a busca do universo dos alunos para o caminho coletivo de uma ação social, preocupada com a inversão da lógica dominante, pautada na ação do professor. Preocupada

no olhar coletivo e integrador, acolhendo para suas aulas estes princípios de atuação participativa e ação comunicativa.

Outro ponto relevante é exatamente o impacto que uma atuação cooperativa possui dentro da estrutura social. A idéia do impacto, como diz Freire, é o começo para a conscientização, e a partir dessa, para a transformação. Iniciando nas estruturas institucionais burocratizadas, como a escola (mundo do trabalho), uma crítica contundente ao modelo reprodutor da Indústria Cultural e suas ações estratégicas, esta é a melhor maneira de questionar a postura competitiva, contribuindo para uma postura ética, de transformação do seu mundo, ou do mundo que faz parte seu universo.

Nas entrelinhas do provérbio que começa esta conclusão, percebemos a postura flexiva nestes atos (contrária ao determinismo que nos leva apenas a outro extremo) e que reforça “... *os vínculos sociais fortalecendo as relações comunitárias nos seus aspectos mais primários,... acreditamos que a responsabilidade deve começar entre indivíduos e os pequenos grupos que ganharão maior autonomia ao exercê-la*” (WOODCOCK, 1990:21)

Nessa autonomia, espera-se uma ação social, através da revolução molecular, da flexibilidade e da reflexão, um trabalho coletivo e integrado com os alunos de valorização do seu universo cultural, aproximando-os do sentimento de cooperação e linguagem.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. 2edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1986, (Fragmentos filosóficos).
- BAKUNIN, Mikhail. *O Anarquismo e a Democracia Burguesa*. São Paulo, Global 1980 – Coleção Bases 18 Teoria.
- BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel /Bertrand Brasil, 1989.
- BRANDÃO, Carlos. *Casa de Escola*. Campinas: Papyrus, 1983.
- _____. *Saber e Ensinar*. 3ªedição. Campinas: Papyrus, 1989.
- BROTO, Fabio. *Jogos Cooperativos: se o importante é competir o fundamental e cooperar*. Santos – SP : Projeto Cooperação, 1997.
- _____. *Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- BRUHNS, Heloisa. Lazer Trabalho e Tecnologia: Refletindo sobre a necessidade de novos conceitos. In: BRUHNS E GUTIERREZ (ORG), *Representações do Lúdico: II ciclo de debates Lazer e Motricidade*. Campinas: Autores Associados. Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2001 – (coleção educação física e esportes).
- _____. O Corpo Contemporâneo. In: BRUHNS, GUTIERREZ (Orgs.). *O corpo e lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000 – (coleção educação física e esportes).
- CAMPOS, Roberto. *A moeda, o governo e o tempo*. Rio de Janeiro:APEC, 1964.
- CASTELLANI, Lino. *Educação Física no Brasil: a historia que não se conta*. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994 (Coleção Corpo e Motricidade).
- DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do Corpo*. Campinas: Papyrus, 1995 (coleção Corpo e Motricidade).
- _____. *Cultura: Educação Física e Futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. *Educação Física Brasileira: Autores e atores da década de 1980*. Campinas-SP, 1998 (coleção Corpo e Motricidade).

- DIEGUES, Antonio. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: NUPAUB USP, 1994.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995 – Coleção Tópicos.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 20ed. Campinas: Paz e Terra, 1991.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 14ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.
- FROMM, Erich. *TER ou SER?*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1980
- GEBARA, Ademir. Nobeit Elias e a teoria do processo civilizador: Contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000 (coleção educação física e esportes).
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1989.
- GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: editora Unesp, 1991.
- Grupo de trabalho Pedagógico UFPe-UFSM. *Visão Didática da Educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1991 – (Coleção Educação Física. Série Fundamentação; 11).
- GUERIN, Daniel. *O Anarquismo e a Democracia Burguesa*. São Paulo: Global, 1980 – Coleção Bases 18 Teoria.
- GUIMARÃES, Paulo. *A Dimensão Ambiental na Educação*. Campinas: Papirus, 1995 – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- GUTIERREZ, Gustavo. Lazer exclusão social e militância política. In: BRUHNS, *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000 – (coleção educação física e esportes)
- _____. *Lazer e Prazer Questões Metodológicas e Alternativas Políticas*. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. Crise de Paradigma sai de cena o Trabalho e entra o Lazer. In: BRUHNS E GUTIERREZ (ORG), *Representações do Lúdico: II ciclo de debates Lazer e Motricidade*. Campinas: Autores Associados. Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2001 – (coleção educação física e esportes).
- HABERMAS, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

- _____. *Para a Reconstrução do Materialismo Histórico*. 2ª edição, São Paulo: Brasiliense, 1990.
- HERRERA, Almicar. *A Grande Jornada*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1982.
- HOGAN, Daniel. Crescimento populacional e desenvolvimento sustentável in: CAVALCANTI (Org.) *Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1999.
- HUIZINGA, 1996:33 johan huizinga homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. 4ed são Paulo: perspectiva, 1996.
- IANNI, Octavio. *Karl Marx*. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1988 – coleção grandes cientistas sociais, 10. Sociologia.
- LEIF, Joseph. *O jogo pelo jogo: a atividade lúdica na educação das crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- LUKÁCS, Georgy. *História e Consciência de Classe: estudos da dialética marxista*. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.
- MALATESTA, Errico. *O Anarquismo e a Democracia Burguesa*. São Paulo, Global 1980 – Coleção Bases 18 Teoria.
- MARCELLINO, Nelson. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987.
- MARX, Karl. Escritos. In: IANNI, Octavio (Org). *Karl Marx*. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1988, Coleção Grandes Cientistas Sociais 10. Sociologia.
- _____. *A IDEOLOGIA ALEMÃ (I – Feuerbach)*. 9ª edição São Paulo: Hucitec, 1993.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo : EPU/EDUSP, 1974 – Vol.2
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: neurose*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. *Ciência com consciência*. São Paulo: Editora nova, 1994 – (série biblioteca universitária; 32)
- _____. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro:IMAGO, 1997.
- NIETZSCHE, Frederich. *Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NORTE, Sergio. *Bakunin: sangue, suor e barricada*. Campinas: Papirus, 1988.
- RODRIGUEZ, José. O corpo Liberado? In: Daólio. *Cultura: Educação e Futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RUDIO, Franz. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 10ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

SACHS, I. *Ecodesenvolvimento: Crescer sem destruir*. São Paulo: Vértice, 1986.

SANT'ANNA, Denise. Corpo, Ética e Cultura. In: BRUHNS, GUTIERREZ (Orgs.). *O corpo e lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade*. Campinas: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000 – (coleção educação física e esportes).

SEVERINO, Antonio. *Metodologia do trabalho científico*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1980.

SCHWARTZ, Maria. Homo expressivus: As dimensões estéticas e lúdicas e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, *Temas sobre o Lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000 (coleção educação física e esportes).

SINGER, Paul. *Desenvolvimento e Crise*. São Paulo: Difusão Européia, 1968

TANI, Go [et al]. *Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa Ação*. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 1988.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do capitalismo*. 5ª edição. São Paulo: Pioneira, 1987 – (Biblioteca pioneira de ciências sociais, sociologia).

_____. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 3ª edição
Brasília: editora UNB, 1994.

WOODCOCK, George. *Os grandes escritos Anarquistas*. 4 ed. São Paulo: L&PM Editores, 1990.

_____. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários*. São Paulo: L&PM Editores, 1983.